

UMA ANÁLISE ECONÔMICO-FINANCEIRA DO CAPITAL DE GIRO DA EMPRESA ALFA S/A SEGUNDO O MODELO DE MICHEL FLEURIET

**Francisca Tomé da Silva
Lucas da Silva Campos
Roberto de Sousa Melo
Tayson Cristien Nobre da Costa
Daniel Paiva Mendes**

RESUMO

Esse artigo teve como objetivo analisar a estrutura e situação econômico-financeira do capital de giro de uma empresa S/A, sob a óptica do modelo de Michel Fleuriet, que propicia uma análise dinâmica financeira. Com a reclassificação das contas, identificou-se três variáveis necessárias pelo modelo de Michel Fleuriet: necessidade de capital de giro (NCG), capital de giro (CDG) e saldo de tesouraria (ST). A pesquisa foi realizada nas demonstrações financeiras padronizadas (DFP) referentes aos anos de 2014 e 2015 de uma empresa de capital aberto S/A, disponibilizadas no site da empresa e no site da Bolsa de Valores do Estado de São Paulo (BM&FBOVESPA) no período de abril e maio de 2016, a empresa apresentou situação sólida nos dois anos, sob a óptica de Michel Fleuriet. Os resultados obtidos apresentaram conformidade com as ideias dos autores utilizados, onde a análise dinâmica na empresa em estudo apontou necessidade de capital de giro, mas com capital de giro superior a essa necessidade, levando ao saldo de tesouraria positivo.

Palavras-chave: Modelo de Michel Fleuriet. Capital de Giro. Situação Econômica-financeira.

ABSTRACT

This article aims to analyze the structure and economic and financial situation of the working capital of a company S / A, from the perspective of Michel Fleuriet model that provides a dynamic financial analysis. With the reclassification of accounts identified three variables required by Michel Fleuriet model: need for working capital (NCG), working capital (CDG) and cash balance (ST). The survey was conducted in standardized financial statements (DFP) for the years 2014 and 2015 of a public company S / A, available on the company website and on the website of São Paulo Stock Exchange (BM & FBOVESPA) for the period April and May 2016, the company presented strong position in both years, from the perspective of Michel Fleuriet. The results showed accordance with the ideas of authors used where dynamic analysis in the company study showed the need for working capital, but with higher working capital this need, leading to balance of positive cash flow.

Keywords: Michel Fleuriet Model . Working capital. Economic and financial situation.

1 INTRODUÇÃO

Em um contexto de instabilidade e incerteza, o conhecimento detalhado sobre a situação financeira da empresa facilita em uma escolha correta para investir seus recursos e absorção de novos recursos. Dessa forma, a empresa pode organizar suas finanças na busca por melhorias e crescimento organizacional.

Nesse sentido, pode-se mensurar que a análise de capital de giro de uma empresa é determinante para a gestão. A interpretação tradicional desse balanço permite a empresa identificar a situação financeira e econômica em determinado período. Suas informações são únicas e periódicas podendo sofrer alterações constantemente (ASSAF NETO, 2012).

Segundo Assaf Neto e Silva (2002, p. 13), “o capital de giro tem participação relevante no desempenho operacional das empresas, cobrindo geralmente mais da metade de seus ativos totais investidos”. A administração adequada do capital de giro permite a empresa maior chances de pagar suas dívidas financeiras.

Por meio do balanço e baseado no modelo Fleuriet, ou modelo dinâmico do capital de giro, é possível identificar de forma dinâmica a estrutura e situação financeira da empresa. Isso possibilita encontrar três variáveis, que são elas: a necessidade de capital de giro (NCG) que consiste basicamente na retiradas de caixa antes das entradas de caixa ocasionado uma necessidade constante de capital de giro. O capital de giro (CDG) refere-se à quantidade de capital aplicada em seu giro de curto prazo. O último é o saldo de tesouraria (ST) que funciona como recurso de segurança (ALMEIDA; VALVERDE; HORTA, 2013).

Com base no referencial teórico desse artigo, propôs-se a seguinte questão de pesquisa: Qual a situação econômico-financeira do capital de giro da empresa S/A segundo o modelo Michel Fleuriet?

A empresa Alfa³⁰ busca investidores no mercado e, para isso disponibiliza venda de ações para compor seu capital social. Para atrair mais acionistas a empresa libera anualmente em seu site demonstrações financeiras padronizadas (DFP) com todas as informações relevantes.

A importância desse artigo justifica-se pela Alfa S/A ser uma das maiores lojas de moda do Brasil e considerada referência de vendas quando o assunto é moda íntima e feminina. Com isso, uma análise dinâmica de seu capital de giro demonstra a sua situação econômico-financeira atual da empresa e qual a sua estrutura, identificando ainda se há recursos de curto prazo investido no capital de giro e se há perspectiva de crescimento mediante os seus resultados.

Diante do exposto, tal análise proporciona a empresa o aumento de seus investidores, ao mesmo tem-

po em que auxilia novos acionistas antes de aplicarem seus recursos na empresa.

Esse artigo tem como objetivo analisar a estrutura e situação econômico-financeira do capital de giro da empresa S/A segundo o modelo Michel Fleuriet. Para chegar a esse objetivo é preciso identificar a necessidade de capital de giro, capital de giro e o saldo de tesouraria.

2 REFERENCIAL TEORICO

O modelo dinâmico do capital de giro utiliza finanças de curto prazo, até um ano de rotação. Assim, pode-se encontrar as três variáveis utilizadas no modelo de Michel Fleuriet, que são elas: necessidade de capital de giro, capital de giro e saldo de tesouraria. As três variáveis permitem identificar a estrutura e situação econômico-financeira em determinado período.

2.1 FINANÇAS DE CURTO PRAZO

São consideradas finanças de curto prazo as dívidas com vencimento dentro do período de até 365 dias (REIS, 2013). Para Assaf Neto (2012, p. 62) “consideram-se recebível ou realizável as vendas de curto prazo (de produtos, mercadorias ou serviços) a clientes e os valores a receber provenientes das demais transações efetuadas pela empresa”. Essas finanças de curto prazo possibilitam a empresa maior capacidade de pagamento.

Os financiamentos de curto prazo apresentam menor custo de operação, isso por não estarem tão sujeitas a riscos de previsão, que consiste em quanto maior o tempo de resgate menor será a capacidade de pagamento ou pelos riscos de flutuações nas taxas de juros que está relacionado às possíveis mudanças nas taxas de juros (ASSAF NETO, 2012).

Baseado nisso, as finanças de curto permitem à empresa maior possibilidade de honrar com suas obrigações quando analisados de forma lógica e racional em um nível teórico (ASSAF NETO, 2002). A curto prazo, os gestores podem traçar estratégias de pagamento que não comprometam drasticamente seus ativos.

2.2 MODELO DE MICHEL FLEURIET

O capital de giro está em constante mudança e para identificar a atual situação financeira da empresa são necessários modelos rápidos, imediatos e eficientes, considerando que uma análise imprecisa sobre sua necessidade de investimento em giro pode comprometer sua rentabilidade e seu crescimento (ASSAF NETO, 2012).

A análise dinâmica do capital de giro, ou modelo de Michel Fleuriet, foge das tradicionais análises de balanço feita por empresas para descobrirem seus resul-

30 Nome Fictício

tados de forma dinâmica. Tal análise leva a empresa a sua real estrutura e situação financeira. Segundo Assaf Neto (2006, p. 209), “pela análise de seus elementos patrimoniais são identificados os prazos operacionais, o volume de recursos permanentes (longo prazo) que se encontra financiando o giro, e as necessidades de investimento operacional”.

Baseado no modelo Fleuriet, as contas são separadas de acordo com seu ciclo, financeiro e operacional. As que se referem ao ativo circulante são subdividas em ativo circulante financeiro (ACF) formado por elementos necessariamente financeiros e ativo circulante operacional (ACO) que se refere às contas que giram rapidamente de natureza operacional. O passivo circulante se subdivide em passivo circulante financeiro (PCF) constituído por despesas financeiras de curto prazo e passivo circulante operacional (PCO) formado por compromissos de curto prazo (ALMEIDA; VALVERDE; HORTA, 2013).

Para que o modelo apresente informações com maior precisão e veracidade é essencial que empresa utilize as contas citadas anteriormente conforme seu ciclo de rotação, isto é de acordo com a duração de seu giro. Com isso, Medeiros e Rodrigues (2004, p. 27) afirmam que “dessa segmentação surgem os conceitos de Necessidade de Capital de Giro (NCG), do Capital de Giro (CDG) e do Saldo de Tesouraria (T), que, segundo o autor do modelo, são conceitos econômico-financeiros, ao contrário do conceito do CCL, que é uma definição legal”.

No modelo de Michel Fleuriet, as contas podem ser dívidas de acordo com seu ciclo. As contas permanentes ou não cíclicas apresentam movimentação longa, ou seja, longo prazo. As contas contínuas e cíclicas, referem-se ao ciclo operacional do negócio. E as contas descontínuas e erráticas, são dívidas que não possuem relação direta com a operação (ALMEIDA; VALVERDE; HORTA, 2013).

2.2.1 Necessidade de capital de giro

A NCG corresponde à quantidade de recursos necessários para manter o giro da empresa. **É** a diferença entre ativo cíclico e passivo cíclico, ligado às contas operacionais. **NGC= Ativo cíclico – passivo cíclico.** Matarazzo (2003, p. 337) afirma que “a necessidade de capital de giro é a chave para a administração financeira de uma empresa”.

Para Junior e Begalli (2009, p. 272), “a necessidade de capital de giro é definida pelo montante que a empresa precisa bancar em função do ciclo financeiro – são os financiamentos que a empresa precisa obter para manter suas atividades”.

Segundo Marques e Braga (1995, p. 54), “quando positivo, o IOG refere-se ao investimento líquido de

curto prazo necessário, numa situação estática, à manutenção do atual nível da atividade operacional, que precisa ser financiado pelo PCO e/ pelo PNC”.

A NCG também pode ser negativa, simbolizando que as saídas de caixa acontecem antes das entradas de caixa, ocasionando assim uma necessidade de capital no giro da empresa (MEDEIROS; RODRIGUES, 2004).

A necessidade de capital de giro não é importante apenas em um ponto de vista financeiro voltado para o caixa, mas como auxílio aos gestores, com uma visão de crescimento, lucratividade e estratégias de financiamento (MATARAZZO, 2003).

2.2.2 Capital de giro

O CDG consiste no total de recursos usados para dar continuidade ao giro da empresa. São recursos próprios de longo prazo que mantém o giro, bastante usado para fazer aplicações (ALMEIDA; VALVERDE; HORTA, 2013). Pode ser encontrado na diferença de passivo permanente e ativo permanente: **CDG= Ativo permanente – passivo permanente.**

De acordo com Assaf Neto e Lima (2011, p. 632):

Em sentido amplo, o capital de giro representa o valor total dos recursos demandados pela empresa para financiar seu ciclo operacional, o qual engloba as necessidades circulantes identificadas desde a aquisição de matérias-primas até a venda e o recebimento dos produtos elaborados.

O capital de giro é alterado quando são viabilizados novos investimentos para a empresa, quando há um aumento no capital da empresa ou quando há uma aquisição de empréstimos de longo prazo. Para Steffen (2014, p. 4), “vários estudos em finanças mostraram que diferentes composições de ativos das empresas afetam a estrutura de capital”.

Em caso do capital de giro ser positivo significa que os recursos de longo prazo financiam ativo e passivo não circulante. Quando for negativo, demonstra que há recursos de curto prazo financiando ativos não circulantes aumentando o risco da empresa em não conseguir honrar com suas dívidas e obrigações (MEDEIROS; RODRIGUES, 2004).

Através do capital de giro, a empresa poderá traçar estratégias que fortaleça sua continuidade no mercado, haja vista que a empresa poderá continuar suas atividades sem lucro, mas não sem capacidade de pagar suas dívidas (SATO, 2007).

2.2.3 Saldo de tesouraria

O ST é a quantidade de ativos usados como recursos de segurança, onde a empresa poderá investir

em aplicações de curto prazo ou ainda reservar para eventuais necessidades em período sazonais (ASSAF NETO; SILVA, 2002). O saldo de tesouraria (T) é encontrado pela subtração entre **ST= ativo financeiro – passivo financeiro** ou pela diferença entre **ST= capital de giro – necessidade de capital de giro**.

Quando o saldo de tesouraria for negativo, expressa que ele não é suficiente para sustentar a NCG, sendo necessário o uso de recursos de terceiros para cobrir suas atividades operacionais. Quando positivo, quer dizer que a empresa tem recursos de curto prazo, porém está desperdiçando chances de investir seus recursos.

Os autores Almeida, Valverde e Horta (2013, p. 7) complementam sobre o saldo de tesouraria:

Verifica-se que se o saldo da tesouraria for negativo, significa que o capital de giro é insuficiente para financiar a necessidade de capital de giro, indica a utilização de recursos de terceiros para financiar as atividades econômicas. E se o resultado for positivo, significa que a empresa dispõe de fundos de curto prazo, indica uma situação financeira folgada. Entretanto isso demonstra que a empresa não está aproveitando adequadamente suas oportunidades de investimentos.

O quadro 1 a seguir, apresenta os sinais do saldo de tesouraria (ST).

Quadro 1 – Análise do saldo de tesouraria

Sinal	Ativo/Passivo	Interpretação Teórica	Classificação	Situação
T+	ACF>PCF	A empresa não possui recursos de curto prazo financiando suas operações, além de apresentar folga de recursos em aplicações de curto prazo.	Fonte de recursos (AC)	Desejável
T ₋	ACF<PCF	A empresa utiliza recursos de curto prazo para financiar parte das suas operações (+NCG).	Aplicação de recursos (PC)	Indesejável

T ₀	ACF=PCF	Os recursos de curto prazo são suficientes apenas para cobrir os ativos de curto prazo.	Situação Teórica	Neutra
----------------	---------	---	------------------	--------

Fonte: adaptado de Camargos, Camargos e Leão (2014).

2.3 TIPOS DE ESTRUTURAS E SITUAÇÕES ECONÔMICA-FINANCEIRA

Para analisar o tipo de estrutura e situação econômico-financeira em curto prazo é necessário unir as três variáveis CDG, NCG e ST. Essa combinação determinará a estrutura da empresa de acordo com o período analisado, bem como sua capacidade de liquidez e solvência.

O quadro 2 a seguir, apresenta os seis tipos de estrutura e situação financeira segundo Marques e Braga (1995).

Quadro 2 – Tipos de estrutura de situação econômica-financeira

Tipo	CDG	NCG	ST	Situação
I	+	-	+	Excelente
II	+	+	+	Sólida
III	+	+	-	Insatisfatória
IV	-	+	-	Péssima
V	-	-	-	Muito ruim
VI	-	-	+	Alto risco
Nota: o sinal de (+) indica valor positivo, e o sinal de (-) indica valor negativo.				

Fonte: Adaptado de Marques e Braga (1995).

Marques e Braga (1995) e Almeida, Valverde e Horta (2013) apresentam os seguintes conceitos para as seis estruturas dentro do modelo dinâmico de Michel Fleuriet.

Tipo I: a situação excelente significa que a empresa tem facilidade e agilidade de transformar seus ativos em caixa. A NCG negativa significa que as entradas de caixa ocorrem primeiro que as saídas de caixa, ou seja, a empresa está recebendo antes de pagar seus fornecedores. O ST positivo apresenta uma sobra financeira, com recursos de longo prazo investidos no curto prazo.

Tipo II: no caso dos três componentes serem positivos caracteriza uma empresa sólida, com seu CDG superior a NCG, gerando uma folga financeira no ST com possibilidade de investir essa sobra em atividades de curto prazo da empresa.

Tipo III: a situação insatisfatória mostra que embora o CDG e NCG sejam positivos, o CDG não é capaz de cobrir a NCG ocasionando em um ST negativo. Sendo necessário buscar investimentos de curto prazo para cobrir o restante que o CDG não saldou.

Tipo IV: a situação péssima significa que há recursos de curto prazo aplicados na NCG e no longo prazo, sendo assim, insuficiente para cobrir a NCG, gerando um ST negativo.

Tipo V: quando as três variáveis apresentam valores negativos, a empresa utiliza seus recursos de curto prazo para financiar o longo prazo, estando no limite financeiro. O CDG além de negativo ainda é inferior a NCG que também é negativa.

Tipo VI: a situação de alto risco implica em um CDG e NCG negativos, com o segundo sendo inferior ao primeiro, tornando o ST positivo. O CDG negativo indica que a empresa utiliza recursos de curto prazo para financiar o longo prazo. A NDG negativa significa que há recursos de longo prazo aplicados no curto prazo.

3 METODOLOGIA

A pesquisa de natureza qualitativa foi realizada na empresa Alfa S/A. Quanto aos objetivos, classifica-se como descritiva, que objetiva analisar a estrutura e situação econômico-financeira da empresa Alfa S/A segundo o modelo Michel Fleuriet.

Os dados foram coletados no período de abril e maio de 2016, através de pesquisa bibliográfica e documental, baseada nas demonstrações financeiras padronizadas (DFP) referentes aos anos de 2014 e 2015, disponibilizadas no site da empresa Alfa S/A e no site da Bolsa de Valores do Estado de São Paulo (BM&FBOVESPA, 2016). Foram usadas como palavras indexadoras: modelo de Michel Fleuriet, modelo dinâmico do capital de giro, capital de giro, necessidade de capital de giro e saldo de tesouraria.

As contas das demonstrações financeiras padronizadas foram reclassificadas conforme o modelo dinâmico de Michel Fleuriet com o intuito de atender os objetivos da pesquisa. Os resultados foram analisados a partir dos cálculos efetuados e adaptados das DFP's e das variáveis obtidas NCG, CDG e ST. Essas três variáveis auxiliam na identificação do tipo de estrutura e situação financeira da empresa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No ano de 2014, as três variáveis usadas pelo modelo de Michel Fleuriet foram positivas. No ano seguinte, as três variáveis permaneceram positivas, com NCG maior que a do ano anterior e CDG e ST inferiores ao último ano. A empresa apresentou nos anos de 2014 e 2015 estrutura sólida (CDG+, NCG+ e ST+).

O quadro 3 a seguir, apresenta a estrutura das DFP's da empresa Alfa S/A segundo o modelo de Michel Fleuriet.

Quadro 3 – Variáveis do modelo de Michel Fleuriet

Variáveis	2014	2015
(ANC) Ativo não circulante	1.326.664	1.245.822
(PNC) Passivo não circulante	760.897	711.075
(AC) Ativo circulante	1.291.885	1.282.637
(PC) Passivo circulante	701.774	698.539
(CDG) Capital de giro	590.111	584.098
(ACO) Ativo circulante operacional	911.030	928.697
(PCO) Passivo circulante operacional	417.669	374.068
(NCG) Necessidade de capital de giro	493.361	554.629
(ACF) Ativo circulante financeiro	380.855	353.940
(PCF) Passivo circulante financeiro	284.105	324.471
(ST) Saldo de tesouraria	96.750	29.469

Fonte: Elaborado pelos autores.

No primeiro ano, o saldo de tesouraria foi positivo em virtude do capital de giro ter sido superior a necessidade de capital de giro, embora seja exigido investimento em seu giro. O ST positivo indica que há recursos de longo prazo aplicados no giro da empresa (MARQUES; BRAGA, 1995).

No segundo ano, as três variáveis continuaram positivas com CDG superior a NCG, gerando uma folga no ST. Quando comparadas as três variáveis nos dois períodos observados, nota-se que o capital de giro de 2015 foi inferior ao ano de 2014, já a necessidade de capital de giro foi superior, devido ao ACO ter aumentado pouco em 2015 e PCO ter diminuído bastante comparado ao ano de 2014. O saldo de tesouraria dos dois anos foi positivo, embora o ano 2014 tenha sido superior ao ano 2015.

O quadro 4 apresenta a estrutura e situação financeira da empresa Alfa S/A nos períodos analisados.

Quadro 4 – Estrutura e situação financeira da Alfa S/A.

Períodos	CDG	NCG	ST	Estrutura
2014	+	+	+	Sólida
2015	+	+	+	Sólida

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na primeira etapa foram analisadas as três variáveis do modelo, CDG, NCG e ST dos períodos explorados. Em 2014 a empresa apresentou CDG suficiente para manter seu giro. Embora a necessidade de investimento em giro seja positiva, sua NCG sendo inferior ao CDG ocasiona uma folga para a empresa, ou seja, ST positivo, o que possibilita a empresa usar essa sobra em investimentos de curto prazo (MARQUES; BRAGA, 1995).

Nos anos de 2014 e 2015, o CDG da empresa foi suficiente para manter seu giro. A NCG foi positiva, mas seu CDG foi superior a sua NCG, levando a empresa a uma folga em seu ST. Para Assaf Neto e Silva (2002, p. 65) essa sobra do ST pode ser usada como “uma reserva financeira da empresa para fazer frente a eventuais expansões da necessidade de investimento operacional em giro, principalmente aquelas de natureza sazonal”.

A última etapa identificou-se em qual das seis estruturas a empresa está inserida. Com as três variáveis positivas nos anos de 2014 e 2015 notou-se que a empresa apresenta estrutura tipo II, sólida. Almeida; Valverde; Horta (2013, p. 7) conceituam que “quando o valor das três variáveis é positivo demonstra que essa estrutura é característica de empresa com situação financeira sólida”.

Com o CDG capaz de manter o giro da empresa, mesmo que haja NCG e seu valor seja inferior ao CDG, ocasionará em um ST positivo, isso significa que, provavelmente há recursos de longo prazo aplicados no giro da empresa (MARQUES; BRAGA, 1995).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo buscou identificar e analisar a situação financeira e estrutural da empresa Alfa nos anos de 2014 e 2015, tendo como base o modelo de Michel Fleuriet, sendo necessária a reclassificação das contas das demonstrações financeiras patrimoniais para encontrar suas variáveis.

Como a Alfa S/A é uma empresa de capital aberto, a empresa divulga anualmente suas demonstrações financeiras patrimoniais com intuito de atrair novos investidores, diminuindo assim, a possibilidade de erros na reclassificação das contas, permitindo maior veracidade nos resultados obtidos.

A Alfa S/A, nos períodos analisados, teve necessidade de capital de giro positiva, porém seu capital de

giro foi superior a sua necessidade de capital de giro, ocasionando em um saldo de tesouraria positivo. Portanto, sua estrutura foi tipo II sólida, nos dois anos.

Um dos pretextos que ocasionaram o aumento da necessidade de capital de giro de 2015 em relação a 2014 foi o acréscimo do ACO (contas a receber, tributos a recuperar e outros ativos circulantes) e redução do PCO (fornecedores e obrigações fiscais) em relação a 2014, segundo dados das demonstrações financeiras patrimoniais disponibilizadas no site empresa da Alfa S/A.

No entanto, o capital de giro da empresa em análise foi positivo e superior a necessidade de capital de giro, indicando que há contas de longo prazo aplicadas no giro da empresa. Com isso, o saldo de tesouraria ficou positivo o que permitiu a empresa investir essa sobra em recursos de curto prazo ou aplicar em períodos de maior fluxo de vendas.

O modelo de Michel Fleuriet permitiu identificar a situação econômico-financeira e estrutural da empresa Alfa S/A, umas das referências em moda íntima e feminina do Brasil. Esse estudo identificou nos períodos estudados que empresa apresentou estrutura sólida, com suas três variáveis positivas (CDG+, NCG+ e ST+), porém seu capital de giro foi superior a essa necessidade de capital de giro, gerando uma folga de recursos.

Embora essa área de pesquisa seja pouca explorada, nos últimos anos houve um crescimento no número de pesquisas sobre o modelo de Michel Fleuriet, despertando assim, o interesse de novos pesquisadores, considerando-se que as empresas necessitam de análises dinâmicas e eficientes de seu capital de giro na busca por melhorias e crescimento, além de atrair nos investimentos.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, A. **Estrutura e análise de balanços: Um enfoque econômico-financeiro**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

_____. **Estrutura e análise de balanços: Um enfoque econômico-financeiro**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. **Estrutura e análise de balanços: Um enfoque econômico-financeiro**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ASSAF NETO, A.; LIMA, F. G. **Curso de administração financeira**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ASSAF NETO, A.; SILVA, C. A. T. **Administração do capital de giro**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ALMEIDA, M. A. P.; VALVERDE, A. R.; HORTA, E. D. **Análise dinâmica segundo o modelo de Michel Fleuriet: o caso da empresa Cemig Distribuição S.A.** XXIV Encontro Anual da Associação Nacional dos Cursos de

Graduação em Administração - ENANGRAD. Florianópolis, 2013.

BM&FBOVESPA. **Relatórios financeiros**. Disponível em <<http://www.bmfbovespa.com.br>> Acesso em: 15 abr. 2016.

MARISA LOJAS S/A. **Demonstrações financeiras padronizadas**. Disponível em <<http://www.marisa.com.br>> Acesso em: 15 abr. 2016.

MARQUES, J. A. Veiga da Costa; BRAGA, Roberto. Análise dinâmica do capital de giro: o modelo Fleuriet. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 49-63, mai./jun. 1995.

MATARAZZO, D. C. **Análise financeira de balanços: abordagem básica e gerencial**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MEDEIROS, O. R. de; RODRIGUES, F. F. Questionando empiricamente a validade do Modelo Fleuriet. **BASE – Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**, v. 1, n. 2, p. 25-32, set./dez. 2004.

PEREZ JUNIOR, J. H.; BEGALLI, G. A. **Elaboração e análise das demonstrações contábeis**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

REIS, A. C. de R. **Demonstrações contábeis: Estrutura e análise**. São Paulo: Saraiva, 2003.

SATO, S. S. **Análise econômico-financeiro setorial: estudo da relação entre liquidez e rentabilidade sob a ótica do modelo dinâmico**. São Paulo, 205 p. 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18140/tde-05032008-110440/>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

STEFFEN, M. A. **O Crescimento do mercado de shopping centers no Brasil: Uma análise sob o ponto de vista de estrutura de propriedade, controle e estrutura de capital**. XXXVIII Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Administração - ENANPAD. Rio de Janeiro, 2014.

SOBRE OS AUTORES

Francisca Tomé da Silva

Discente do curso de Administração no Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATLICA).

E-mail: da.ni.bananninha@outlook.com

Lucas da Silva Campos

Discente do curso de Administração no Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATLICA).

E-mail: lucascaampos@gmail.com

Roberto de Sousa Melo

Discente do curso de Administração no Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATLICA).

E-mail: robertosousamelo@gmail.com

Tayson Cristien Nobre da Costa

Discente do curso de Administração no Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATLICA).

E-mail: taysoncristien@hotmail.com

Daniel Paiva Mendes

Mestrando em Administração - Universidade Estadual do Ceará – UECE; Especialização em Docência na Educação Profissional nos Níveis Básico e Técnico – IFCE; Especialização em Gestão Pública - UECE; MBA em Gestão Financeira e Controladoria - Centro Universitário Estácio do Ceará – Estácio FIC; Bacharel em Administração de Empresas – UVA; Professor Universitário – Centro Universitário Católica de Quixadá – UNICATLICA.

E-mail: daniel.pamendes@gmail.com